

**FACON – FACULDADE DE CONCHAS/A CASA TOMBADA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM O LIVRO PARA A INFÂNCIA**

**DO BRINCAR AO DEVANEIO POÉTICO**  
A CRIANÇA, O ADULTO, O PROCESSO CRIATIVO –  
UM ENCONTRO COM A INFÂNCIA

FERNANDA ALMEIDA UMILE

São Paulo  
2018

FERNANDA ALMEIDA UMILE

**DO BRINCAR AO DEVANEIO POÉTICO**  
A CRIANÇA, O ADULTO, O PROCESSO CRIATIVO –  
UM ENCONTRO COM A INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso  
de Pós-graduação Lato Sensu  
O livro para a infância –  
Textos, imagens e materialidades  
Da FACON - Polo A Casa Tombada

São Paulo  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que me apoiou e me acompanhou em cada fase desta trajetória.

A Giuliano Tierno, que me incentivou, apoiou e inspirou o tempo todo.

A Cristiane Rogério, por me apresentar tantos caminhos fantásticos da literatura.

A Odilon Moraes, que me ensinou a ver o livro de forma tão poética.

“A criança que fui chora na estrada  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada  
Quero ir buscar quem fui, onde ficou.”

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

Este trabalho propõe uma analogia entre a criança que brinca, imagina e cria histórias e o escritor, que fantasia, devaneia e também cria suas histórias, dando destaque ao processo de criação poética e o fantasiar. A ideia é falar sobre o processo de criação poética, em que o poeta utiliza parte de seus sonhos diurnos (devaneios) no processo criativo, porém mostrar que há também a intervenção do poeta por meio de seus conhecimentos influenciados pelas memórias de infância. Falar também como o brincar contribui para o fantasiar do poeta, pois ele busca fundamentos criativos em suas lembranças de infância, que às vezes pode estar imóvel, mas sempre viva. Os fundamentos de estudos para esse ensaio que agora se apresenta, dentre outros estudiosos do assunto, têm como base Gaston Bachelard que, em seu livro, *A poética do devaneio*, obra escrita em 1960, fala sobre o despertar da imaginação por meio da imagem poética. Ele dá ênfase aos sonhos, aos devaneios como formas de pensar, que aproximam imaginação e razão, tornando-as complementares no processo de criação. É possível entender que o ato de criar é dependente do ato de sonhar. Bebo também em outras fontes, como: Donald Winnicott; Merleau Ponty; Gandy Piorski, entre outros citados ao longo deste ensaio.

**Palavras-chave:** Gaston Bachelard, Imaginação, Memória, Devaneio, Poesia, Brincar, Processo criativo, Freud, Jung.

## **ABSTRACT**

This work intends to deal with the analogy between the child who plays, imagines and creates stories and the writer, who fantasizes, dreams and also creates his stories, emphasizing the process of poetic creation and fantasizing. To speak about the process of poetic creation, in which the poet uses part of his daydreams (reveries) in the creative process, but to show that there is also the intervention of the poet through his knowledge influenced by childhood memories. Also to talk about how playing contributes to the poet's fantasies, because he seeks creative foundations in his childhood memories, which can sometimes be motionless but always alive. My study base, among other scholars of the subject, is Gaston Bachelard who, in his book, *The Poetics of Daydream*, written in 1960, talks about the awakening of the imagination through the poetic image. It emphasizes dreams, reveries as ways of thinking, which bring imagination and reason closer together, making them complementary in the process of creation. It is possible to understand that the act of creating is dependent on the act of dreaming. I also sip from other sources, such as: Donald Winnicott; MerleauPonty; Gandy Piorski, among others cited throughout this essay.

**Key-words:** Gaston Bachelard, Imagination, Memory, Reverie, Poetry, Playing, Creation, Freud, Jung.

## ORGANIZANDO MEUS DEVANEIOS

Quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alçar voo.

Há devaneios de infância que urgem com o brilho de um fogo. O poeta reencontra a infância contando-a com um verbo de fogo.

(BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio.**

3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.)

Ao longo de, aproximadamente, dois anos, fui apresentada a algumas expressões e definições, que mexeram comigo, como infância, brincar, criatividade, devaneio poético, autor criativo, memórias de infância, imaginário, imaginação, processo criativo, dentre outros, tantos outros!

Tais assuntos me tocaram conforme fui me aproximando em meus estudos a respeito de cada um, e/ou da relação de um com outro, ou de cada um deles com os outros termos.

Começo este ensaio citando um texto de Gaston Bachelard, poeta e filósofo francês, que teve seu pensamento focado, principalmente, em questões referentes à filosofia da ciência, pois foi a partir da apresentação desses termos usados por ele, como sonhos, devaneio, imaginação, criação, poesia, que pensei: “Quero saber mais sobre esses sonhos e devaneios”, e então escolhi investigar e falar sobre tais assuntos neste trabalho.

Tentar compreender a diferença entre criança e infância também foi um tema tocante. Mas de repente, em meio a tantas buscas de entendimento, o termo **infância** foi se tornando tão mais forte e foi protagonizando as minhas dúvidas e também as minhas descobertas sobre a inter-relação dela com outros termos, que senti, então, a necessidade de estudar mais e mais.

Quando entendi que infância era um espaço de tempo, que pode ser encontrado em diversas etapas da vida, pareceu que tudo ficou mais fácil. Mas não foi bem assim. De repente, me vi questionando sobre: “A criança, em sua infância, que brinca livremente, sem pudor, sem censura, devaneia e cria suas histórias. O adulto, mais, especificamente, o autor de livros para a infância - tema estudado durante todo o curso de especialização em livro para a infância -, ele cria histórias também. Mas com base em quê? Em quem?

De onde vêm as suas ideias, sua inspiração? Ele brinca também como as crianças? Ele sonha e depois escreve aquilo que sonhou? Ele devaneia?”.

A partir dessas questões todas, comecei, então, minha investigação a respeito das principais indagações e dúvidas que me afligiam a respeito desse assunto. A partir de alguns citados em aula, como Bachelard, Mearlau-Ponty, Jorge Larosa, entre outros, fui mergulhar no que eles diziam, para tentar encontrar um caminho que me levasse até o entendimento daquilo que eu tinha como um nó a desatar e desenhar um caminho de busca. Ou seja, tentar descobrir se o que eu via como análogo – o fato de a criança e o autor de livros para a infância passarem por processos semelhantes de criação – era real, ou um devaneio meu!

## **MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E IMAGINÁRIO**

Primeiramente, foi necessário que eu me organizasse, eu mesma com minhas dúvidas e questionamentos, com aquilo que exatamente eu desejava investigar, que linha deveria seguir, ou melhor, qual autor, ou quais autores tomar como base de estudo. Ufa! Como era difícil começar...

Sabe quando alguém faz um *spoiler* (termo de origem inglesa, que deriva do verbo *spoil*, que significa “estragar”. *Spoiler* é quando alguma fonte de informação, como um *site*, ou um amigo, revela informações sobre o conteúdo de algum livro, ou filme, sem que a pessoa tenha visto), conta detalhes de um filme ou de um livro, e que você fica louca pra saber o restante do enredo? Então, foi assim que me senti, quando o professor Giuliano Tierno (Doutor e mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp, Contador de histórias e pesquisador na arte narrativa em contexto urbano, Idealizador, coordenador e professor do curso de pós-graduação *lato sensu* A arte de contar histórias) trouxe Bachelard para a aula – calma só por meio de textos é claro! –, e com assuntos como memória de infância, imaginário, real possível, devaneios, entre outros, fiquei com uma imensa vontade de saber mais sobre aqueles assuntos todos, que me deixavam confusa, mas também curiosa. E acho que foi assim que decidi o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Entender um pouco mais sobre o processo de criação de uma obra literária e a imaginação criadora das crianças, ambos a partir de seus devaneios.

Parti do fato de a criança, que em sua solidão, imagina coisas a partir de imagens e fatos reais e com eles inventa suas próprias histórias, brincando livremente, sem pensar no que os outros vão dizer. Mas e o adulto, o artista, o autor de livros para a infância, que também cria suas histórias, de onde ele tira suas ideias? Como? Por quê?

Eu percebia que havia uma certa semelhança, uma inter-relação entre essas duas questões, mas eu não tinha certeza nem embasamento teórico para concluir nada sobre o assunto. Fui, então, em busca de fontes, estudiosos no assunto, como: Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Freud, Winnicott, Jung e Manoel de Barros, a quem poderíamos dizer que sua obra é todo um devaneio poético como se construída por uma criança.

Gaston Bachelard (1884-1962), em sua obra *A poética do devaneio*, material, que me serviu de apoio, condução, instrução para este trabalho, propõe uma reflexão sobre o devaneio, ressaltando a importância desse evento não apenas nas crianças, mas também nos adultos. Bachelard compreende os devaneios como o “sonhar acordado” e fantasiar a respeito de temas diversos que fazem parte do indivíduo. Para ele,

[...] uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido (p. 94-95).

O devaneio na criança é o momento em que o silêncio reina em seu mundo interior, e que é capaz de esconder dos adultos o seu mundo de fantasias, também é o instante em que ela pode fantasiar a respeito do que desejar, ou seja, é o momento em que ela faz jus ao que há de melhor na infância.

Para Bachelard, a infância dura a vida inteira. E é muito bom, às vezes, reencontrar a criança que fomos, visitar em nós a infância viva, essa infância permanente, durável. E apesar da infância não ser inteiramente feliz, são os momentos felizes, os momentos sonhados, os momentos de solidão do ser consigo mesmo que importam para a sua teoria poética. Para ele, a criança é a figura central de entrada do ser no mundo. Essa ingenuidade, inerente à natureza infantil, parece ser o passaporte para um imaginário fértil que emana criatividade. A magia que habita a criança e a torna tão fluida reside na habilidade de se maravilhar perante o mundo. A infância é imensamente poética, porque suas experiências buscam retornar continuamente às origens.

Ghandi Piorsky, pesquisador da infância, estudioso de Bachelard, afirma que:

A arte é vernacular na infância. Usada sem pudor. Como que silvestre, livre. Usada não como arte, pois a criança não está interessada em fazer arte, mas usada como seu código natural de expressão. A semântica da criança tem sua aura estética. Justamente por ser semântica do ser.

(PIORSKY, Ghandi. **Sobre instâncias criadoras da imaginação**, em entrevista concedida a Ciranda de filmes, a Rita Mendonça e Ricardo Ghelman, 2015.)

Será que ao brincar, ao sonhar, toda criança se comporta como um escritor criativo? Deveríamos, então, procurar na infância esses traços de processo imaginativo?

Winnicott, psiquiatra, declara, que: “O brincar tem um lugar e um tempo. [...] não é dentro [...] tampouco é fora [...] brincar é fazer.” (**O brincar e a realidade**, 1975, p. 62 e 63). Ele afirma também que brincar facilita o crescimento, brincar é saúde, o brincar conduz aos relacionamentos grupais, é “uma experiência de controle mágico”.

E ele diz mais:

A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa.

(WINNICOTT, 1975, p. 76.)

Ao ler Winnicott (**O brincar e a realidade**, 1975), falando da criança e do brincar, pude perceber que o pensamento dele conversava com o de Bachelard, no que diz respeito à natureza do brincar, da necessidade de sonhar usando atributos da realidade, a fim de melhorá-la, ajustá-la conforme as suas vontades, ou seja, manipulando fenômenos externos a serviços do sonho, isto é, a criança, a partir do que possui em realidade, e julgando-a entediante, a criança vai buscar transformar, por meio dos sonhos, naquilo que a faz feliz, que a satisfaz. Brincar com o que não está pronto é um

desafio a construir. Você sonha e suas mãos realizam. E é disso que a criança gosta. E penso que o autor de livro para a infância, que o artista, também.

Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária. E recuperar “o estado de infância” na idade adulta não significa em nenhum momento infantilizar-se. Muito menos, na ilusão de agradar e conseguir a confiança da criança, fazer-se passar por ela. Ou seja, o artista é aquele que preservou em si a maneira direta da sua criança interior. E mediante o reencontro com suas memórias de infância, tendo-as como o mote inicial para o desenvolvimento de sua obra.

Quando esse devaneio de lembrança o torna o germe de uma obra poética, o complexo de memória e imaginação se adensa, há ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta. Mais exatamente, as lembranças da infância feliz são ditas com uma sinceridade de poeta. Ininterruptamente, a imaginação reanima a memória, ilustra a memória.

(BACHELARD, **A poética do devaneio**, 1988, p. 20.)

Manoel de Barros, poeta brasileiro, nascido em Cuiabá, um dos principais poetas contemporâneos, autor de linhas e rimas cheias de profundidade sobre simplicidades do dia a dia, as sutilezas das coisas “desimportantes”, como ele mesmo dizia, afirma:

Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem.

Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

(BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**.

[Antologia]. São Paulo: Alfaguara Brasil, 2015. p. 15.)

Para Gaston Bachelard (**A poética do espaço**, 1988, p. 111), nossas lembranças de infância nos transportam para um núcleo de infância, centralizado na psique humana,

onde as dimensões do ser e da poesia são evidenciadas. Esse núcleo, latente em nós, une dialeticamente, numa só intimidade, memória e imaginação e faz da infância um signo de eterno retorno. Como condição subjetiva, a criança, ou o ser criança, é um espaço-tempo absoluto, e perdido para o adulto. Mas não definitivamente. Um tempo que se pode buscar, como nos anuncia Manoel de Barros em sua obra **Exercícios de ser criança** (1999, p.16), que parece ser, assim, um esforço de reconstituição da substância do mundo, um exercício de reativação da liberdade dos sentidos, entorpecidos pelas demandas do “amadurecimento” intelectual que, sempre com algum grau de violência, física ou simbólica, expulsam a criança do seu espaço, ou seja, um exercício de SER. Quando retomamos a posse desse território perdido, por meio do devaneio e da poesia, reocupamos o espaço de um mundo esvaziado, de um vazio muitas vezes sentido e reportado pela criança latente em toda alma humana.

Bachelard nos leva a refletir sobre a solidão dos primeiros tempos da vida levando-nos a buscar a compreensão do que é devaneio, infância e solidão. Ele afirma que devaneio não conta história ou que o devaneio pode nos levar ao mais profundo de nós mesmos que nos desembaraçam da história. Ele diz que “toda a vida é sensibilizada para o devaneio poético, para um devaneio que sabe o preço da solidão” (1988, p. 94).

Quando Bachelard fala de solidão, ele não está nos sugerindo algo incompreensível, que traz distanciamento, isolamento ou morte, mas a busca de redescobrimto de si mesmo: “toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária” (1988, p. 94).

Manoel de Barros nos mostra em suas falas exemplos desses resgates: “Eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas”; “poema é lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez.”; “Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.”.

Ah, que delícia esses delírios de Manoel de Barros, que fazem com que nós, leitores, de suas obras nos sintamos tão crianças, tão livres, tão puros, tão verdadeiramente nós!

## A INFÂNCIA E O ENCONTRO COM O RECOMEÇO

A cada leitura que faço, mais eu percebo a comunicação entre um poeta da infância, um “escritor criativo” (como diz Freud em **Escritores criativos e devaneio**, 1988) e a imaginação criativa da criança. E essa ligação, essa comunicação, fui percebendo que era instaurada pela infância que há dentro de nós: “... a infância está na origem das maiores paisagens. Nossas solidões de criança deram-nos as imensidades primitivas.” (BACHELARD, 1996, p. 97).

A criança consegue enxergar grande, longe, belo. Por isso, podemos dizer que o devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras. Para reviver os valores do passado, é preciso estar em solidão, para que a memória traga de volta imagens, que possam ser revividas e transformadas em algo novo pela imaginação de quem as vê, ou seja, o autor.

Bachelard (1988, p. 96) mostra que “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice”, não importa a idade em que está o homem quando ele se permite sonhar, imaginar, fantasiar, ele volta a sua primeira fase e se dá a liberdade de alçar voo. O filósofo afirma ainda (1988, p. 97) que “ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios que nos abriam o mundo”. Todo sonhador tem uma criança dentro de si, uma criança que devaneia magnificamente.

Freud (1917, p. 89), sobre fantasia e criação, diz o seguinte: “... na fantasia, o sujeito perpetua uma certa sensação de liberdade à qual teve que renunciar em função da realidade.”.

O brincar da criança é determinado por desejos, ou, na verdade, por um único desejo, de ser grande, de ser forte, de ser adulto! A criança está sempre brincando de algo relacionado ao fazer adulto, e não esconde sua brincadeira. O adulto, portanto, sabe que esperam dele que não brinque ou fantasie mais como criança, então, envergonha-se de suas fantasias, reprime-as, muitas vezes imaginando ser o único a tê-las, ou que elas possam ser infantis ou proibidas, conseqüentemente as esconde das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo.

E mais uma vez trago Manoel de Barros (2015, p. 7) para me ajudar, pois ele tem muito material “fantástico” em sua obra, exemplo de não ter vergonha de fantasiar, de devanear, de voltar a ser criança:

[...]

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o solo menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(BARROS, Manoel. **Meu quintal é o maior do mundo**.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 7.)

Pensemos, agora, na criança, que é fenomenologia pura, quando está sozinha, em sua inquietação, cansada de brincar com aquilo que tem a sua frente, com a sua realidade, quando aquilo tudo já não a agrada mais, ela em sua solidão (necessária para o momento criativo) de criança, em silêncio, escutando a si própria, coloca, faz uma ponte entre o real presente e o real possível, ou seja, a partir do que ela tem de material ou na memória de algo já vivido, ou num futuro que desejaria viver, ela “sonha” acordada (sem perder a noção do que é verdade ou imaginação), cria a sua brincadeira, com o enredo que a fará feliz.

Diz Freud, em **O poeta e o fantasiar**:

Quem avança na idade deixa de brincar, renuncia aparentemente ao prazer que sentia no jogo (infantil). Mas não existe coisa mais difícil para o homem do que renunciar a um prazer já experimentado. A bem dizer, não sabemos renunciar a nada, só sabemos trocar uma coisa pela outra; onde parece que há renúncia, de fato há apenas formação substitutiva... Em vez de jogar ele se compraz daí por diante em imaginar, fantasiar. Constrói castelos na Espanha, entrega-se ao que chamamos devaneios... daí a hipótese segundo a qual a obra literária, assim como o sonho diurno, seria uma continuação e um substituto do jogo infantil de outrora.

(FREUD. O poeta e o fantasiar. In KALLAS, Marília B. L. De M. **Psicanálise e contemporaneidade. Arte, Literatura, Poesia, Humor, Corpo, Pânico, Anorexia, Bulimia**. São Paulo: Biblioteca24horas, 2010.)

A obra literária, produto do devaneio adulto, seria uma continuação ou um “substituto” do que foi o brincar infantil? Quando se devaneia, sonha-se acordado, sonha-se com aquilo que se quer sonhar, o que gostaria de viver e que não foi vivido, ou o que foi vivido, mas se sente saudade, ou, ainda, o que gostaria de melhorar, reinventar.

Sobre esse aspecto, Freud assim declara:

Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga.

(Escritores criativos e devaneio. **Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1969, 214.)

A realidade de um mundo criado ou imaginado é habitada também pelo escritor adulto, que em vez de brincar com objetos reais, ou amiguinhos imaginários, ele fantasia e materializa em livro.

Segundo Freud (1969, p. 216), a fantasia e a brincadeira estão ligadas ao movimento do desejo, que tenta reencontrar a satisfação original perdida, algo que permita “um retorno à situação original”.

Para Bachelard, a infância tem uma importância fenomenológica própria, pura, pois nos devolve às virtudes dos devaneios primeiros, percebendo que essa poética, a poética do devaneio, mantém um sonhador com sua consciência tranquila. E essa fase da vida é um estado de alma.

Passa-se muito tempo da vida adulta lamentando a infância perdida. Aquela fase da vida que, muitas vezes, acaba ficando idealizada pelo passado distante suficientemente para a saudade crescer no tempo presente. Um período que não volta pode ser intenso demais nas memórias ou pode ficar afastado e esquecido.

Casimiro de Abreu me ajuda a ilustrar essa afirmação, com o poema “Meus oito anos”, onde o sentimento presente é a saudade da infância, que decorrerá como tema principal, utilizando essa representatividade da infância como forma de escapismo, fugindo assim do momento presente:

Oh! Que saudade que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!  
Como são belos os dias  
Do despontar da existência  
Respira a alma inocência  
[...]  
Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis!  
Naqueles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar,  
Rezava às Ave-Marias  
Achava o céu sempre lindo.  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!

(Casimiro de Abreu. Meus oito anos. In: **As primaveras**.  
São Paulo: Livraria Editora Martins, 1859.)

Relembrar a meninice pode ser uma estratégia interessante para a saúde mental. Não como uma espécie de retomada da inconsequente imaturidade (que se percebe em muitos sujeitos ditos “adultos”). Reencontrar a infância dentro de si é reinventar a capacidade de voltar a fantasiar com mais interesse e entusiasmo. A fantasia tem o poder de nos devolver a nós mesmos, nos conectando aos mais honestos desejos.

Conversando com alguns autores de livros para a infância, eles contaram um pouco do que pensam sobre o que é criar um livro para a infância na experiência de cada um:

O livro para a infância é um espaço privilegiado; é a arte. é palavra, é um espaço íntimo onde se coloca ‘sentimentos’, questões internas. É preciso chegar na sua essência para colocar no papel a Arte. Eu não penso no que querem ouvir, e sim no que há dentro de mim (minhas histórias, meus antepassados).

(Eva Furnari, dez. 2017.)

Há dois tipos de inspiração no meu processo de criação de um livro ilustrado. Quando trabalho com texto de outros autores, tudo começa com a leitura, que é onde estabeleço uma possível conversa com este tal escritor; busco aberturas no texto, por onde se possa estabelecer essa conversa. [...] Num processo de criação total, isto é, quando todos os elementos do livro são dados por mim: palavras, imagens, objeto, não se dirigem a nenhum lugar na busca de um outro. Aí, não se busca o outro pela linguagem, é ela, a linguagem que busca, o caminho que ela toma só pode ser escorado em um lugar: no Eu. E como as coisas do mundo o afetam, é um caminho em direção ao desconhecido que nos habita. E só através da linguagem colocamos para fora.

(Odilon Moraes, fev. 2018.)

Criar, para mim, é uma possibilidade de respiro, é um espaço para experiência de contemplação; é a possibilidade de nos tirar da realidade, fruir, curtir, sem ter de dar opinião.

(Aline Abreu, dez. 2017.)

Não costumo perguntar muito pra eles; ela [a filha da Graça] desenha o tempo todo. Muito mais do que eu quando era pequena. E ela interfere muito. Ela olha, comenta. Muitas vezes o desenho dela também está dentro do meu.

(Graça Lima, mar. 2018.)

Eu crio uma imagem, e esse visual é pra qualquer olhar. Gosto quando a arte possibilita uma leitura universal, pra qualquer leitor, eu produzo um livro pra qualquer leitor, mas a estrutura do que eu faço é na vivência da infância, não é da criança. Da infância de qualquer leitor.

(André Neves, dez. 2017.)

As crianças conseguem despertar a possibilidade de se aventurar sem muito conhecer. Arriscar-se, sem medir excessivamente os riscos, é o que permite ultrapassar os medos, os obstáculos com mais potência, vigor e poesia. Os adultos, em geral, precisam trocar o olho que apenas enxerga o real no concreto por aquele olho que vê e também cria, inventa e fantasia.

Segundo Roland Barthes, a escrita criativa está ligada intimamente ao desejo, ao gozo, à fruição, ao prazer.

### **O ATO DE CRIAR É DEPENDENTE DO ATO DE SONHAR**

A literatura é fundamental para levar o indivíduo a “sonhar”. A literatura abre espaço para que o impossível se torne verdadeiro. Na perspectiva da fenomenologia da imaginação, é preciso que o autor, especialmente aquele que trabalha com livros para a infância, permita-se sonhar, resgatando, por exemplo, suas lembranças de infância, pois como afirma Bachelard: “uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido (1996, p. 94-95)”.

O devaneio poético, segundo Bachelard, possibilita “a fuga da realidade e também a tomada de consciência, o ato consciencial no campo da linguagem poética, quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética, porque o poético não é discurso sobre o mundo, é ato no mundo, é um pensamento em ação” (1996, p. 110). A poesia e a literatura trazem um mundo a ser revelado. As palavras e as imagens encantam e fazem sonhar, desde que o aprendiz possa viver o seu instante e valorar, a sua maneira, aquilo que lê, vê ou ouve. Para Bachelard, amando um livro, somos levados a dar-lhe raízes oníricas.

Mas quando é um poeta... que nos conta o que julgamos ser os seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer provavelmente originário da confluência de muitas fontes... Como ele chega a este resultado? A verdadeira *ars poetica*... atenua o que o sonho diurno tem de egocêntrico, transformando-o e dissimulando-o, e nos seduz por um benefício de prazer puramente formal, estético... com o qual nos gratifica pela maneira como apresenta suas fantasias...

chamamos prêmio de estímulo ou prazer preliminar, semelhante benefício de prazer que nos é oferecido a fim de permitir a liberação de um prazer superior que emana de camadas psíquicas muito mais profundas...Todo prazer estético que o poeta nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar e o verdadeiro prazer diante da obra literária resulta de nossa psique. Através dela, acha-se aliviada de certas tensões. Talvez o próprio fato de que o poeta nos permita fruir, daqui por diante de nossas próprias fantasias, sem escrúpulos nem vergonha, contribua em grande parte para este resultado.

(FREUD, O poeta e o fantasiar. In: KALLAS, Marília Brandao Lemos De Morais. **Psicanálise e contemporaneidade**. São Paulo: Biblioteca24horas.com.br, 2010. p. 44.)

Desse modo, trabalhar com a dimensão poética da linguagem na perspectiva da fenomenologia da imaginação é proporcionar possibilidades de descoberta de outros mundos, de mundos belos, como diria Bachelard, e não deixar adormecer “os sonhos” de infância, já que os devaneios conduzem à vida.

É preciso se perder para escrever, mergulhar no inexprimível, destituir-se do saber aprendido, despojar-se e entregar-se a uma intimidade corporal com o texto.

É a partir do nada, do silêncio de uma irrupção do impossível que o texto se constrói, o teto diz o que não se sabe, num jorro de palavras desconexas explodindo em sua corporeidade significante, implodindo sentidos, a palavra-coisa, palavra-imagem, palavra-ícone que se faz verbo.

(KALLAS, Marília Brandao Lemos De Morais. **Psicanálise e contemporaneidade**. São Paulo: Biblioteca24horas.com.br, 2010. p. 16.)

Segundo Pontalis, existe uma ideia, uma necessidade de continuar, desde a infância, a fantasiar, a sonhar, a poetizar. O autor criativo é um sonhador, ele devaneia, fantasia e cria.

Brincadeira, Devaneio e Imaginário são fios que se entrelaçam, abrindo espaços para o processo de criação. E a partir desses fios condutores, o artista (criança ou adulto) cria possibilidades de reinventar sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. [...] no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade.

(BACHELARD, 1978, p. 184.)

Por meio dos estudos realizados e da conversa com alguns autores de livro para a infância, foi possível conhecer e compreender melhor como se dá o processo criativo de um artista.

Este trabalho propôs demonstrar que memória, percepção e devaneio constituem elementos fundamentais para o processo criativo, que remete à infância.

Houve uma linha de estudo que procurava saber se era válido aproximar as brincadeiras de linguagem das crianças e a questão dos efeitos poéticos, em busca de conhecer qual a origem de uma criação poética, mas podemos dizer neste momento que tais comparações são insuficientes, pois não há como saber quais fatores determinam internamente as escolhas de um escritor.

Como disse García Lorca: “A inspiração dá a imagem, mas não a roupagem. E para vesti-la é preciso observar com equilíbrio e sem fervor perigoso a qualidade e a sonoridade da palavra.” (**Da lira ao ludus - Travessia**, 1998, p. 30).

E o grande Manoel de Barros diz que: “Imagem são palavras que nos faltaram; Poesia é a ocupação da palavra pela imagem; Poesia é a ocupação da imagem pelo ser” (**BARROS, Criaçamento das palavras**, 2010, p. 263).

Minha pesquisa, portanto, não tinha intenção de igualar a criança e o escritor, tampouco equiparar suas ações. O objetivo consistia no estudo das fantasias, do devaneio, no material da obra criativa das crianças em seus efeitos, suas aproximações e descrições semelhantes à do mundo adulto, originadas no brincar infantil.

O devaneio que queremos estudar é o devaneio poético, o devaneio que a poesia coloca na boa inclinação [...]. Esse devaneio é o devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever. Ele já está diante dessa página em branco. Então as imagens se compõem e se ordenam. O sonhador já escuta os sons da palavra escrita.

(BACHELARD, 1988, p. 6.)

A ideia era pensar se a brincadeira e a linguagem infantil remetem à questão poética, isso acontece quando elas criam outra realidade. E foi possível compreender que o escritor criativo, por sua vez, faz o mesmo que a criança ao brincar, mas não por desconhecimento, não saber ou não querer saber, e sim por trabalho, um trabalho que se dá na fronteira entre o que é possível ser representado pela linguagem e o que não é possível de ser representado.

A fala criativa das crianças nos ensina, assim como a poesia, que as palavras podem ter combinações infinitas.

Essas trilhas pelas viagens da memória, onde não apenas lembramos o nosso tempo de infância, demonstram que todo adulto faz um retorno fundamental à infância, e com isso podemos reiventá-lo, reconstituir um espaço redesperto. Não é um simples ato de recordar o passado, o ato do “devaneio ajuda-nos a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo.”

(BACHELARD, 2009, p. 23).

Gloria Kirinus, autora de literatura infantojuvenil fala que

o poeta resguarda a criança que vive nele. Aquela criança ingênua e irreverente, tão conhecida por todos nós [...] Ingenuidade, verdade, genialidade, liberdade? De tão genuína, a voz da criança parece ingênua. De tão ingênua, parece genuína na plenitude de sua leveza e liberdade.

(KIRINUS, Gloria. **Synthomas de poesia na infância.**

São Paulo: Paulinas, 2011. p. 69.)

Quanto à criação poética, Alfredo Bosi diz que ela é fruto da memória, no sentido em que “aparece como faculdade de base” (BOSI, 1977, p. 204). E o meio pelo qual se “modela” a imagem é a fantasia. Aliado a isso, podemos pensar que a memória no texto literário tem o papel de reelaborar o que foi vivido (ou imaginado) pelo artista de modo que ela possa se realizar nas escrituras. Sem essa reelaboração, a memória simplesmente representa o passado comum a qualquer pessoa.

Essa presença da infância como forma de rememoração ocorre como resposta ao presente insatisfeito. Esse signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências do sonho.

O método fenomenológico leva o pesquisador a uma comunicação com a consciência criante do poeta, levando-o até as origens da imagem poética:

A exigência fenomenológica com relação às imagens poéticas, aliás, é simples: resume-se em acentuar-lhes a virtude de origem, em apreender o próprio ser de sua originalidade psíquica que é a imaginação.

(BACHELARD, 1988, p. 2.)

A partir de tudo o que foi estudado até aqui, podemos dizer que o devaneio poético é um fenômeno naturalmente transcendente, pertinente às crianças durante a infância e adormecido no ser humano na vida adulta. Segundo a teoria de Bachelard, o devaneio poético origina-se na alma e promove o reencontro do homem com a sua natureza infantoprimitiva. É, propriamente, um estado individual, subjetivo, ocorre no psiquismo humano através do sonho diurno que se diferencia do sonho noturno. É um despertar da consciência adormecida para os mistérios profundos do mundo interior e da vida, que se realiza por meio da solidão do ser. Dessa maneira, “o devaneio poético é um estado da alma sonhado pela memória, lembrado pelo devaneio e reanimado pela imaginação que ilustra a memória do artista” (Hercília Maria Fernandes; Antônio Basílio Novaes T. de Menezes. **O fenômeno criador na poesia à luz de Gaston Bachelard**. Disponível em: < <http://novidadesevelharias-fernandeshercilia.blogspot.com.br/2009/05/o-fenomeno-criador-na-poesia-luz-de.html>>. Acesso em: 5 maio 2018).

[...] a memória sonha, o devaneio lembra. Quando esse devaneio da lembrança se torna o germe de uma obra poética, o complexo de imaginação e memória se adensa, há ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta. Mais exatamente, as lembranças da infância feliz são ditas com uma sinceridade de poeta. Ininterruptamente a imaginação reanima a memória, ilustra a memória.

(BACHELARD, 1988, p. 20.)

São tantos os estudiosos que me ajudaram nesta pesquisa, neste trabalho intenso para entender o processo criativo... Tantos conceitos e tantas definições... O assunto é vasto, é complexo, mas me deixou totalmente embriagada por ele!

Então, não posso dizer que aqui termino; assim como foi difícil começar, é também difícil terminar. Por isso, por aqui fecho, temporariamente, este trabalho, sem nada querer provar, mas querendo mostrar com palavras dele, Bachelard, que foi meu mestre, meu companheiro de estudo ao longo desses meses, que:

A infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, da vida sempre relacionada às possibilidades de recomeçar.

(Bachelard. **A poética do devaneio**. 2009, p. 119.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. IX, p. 131-143.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BOTTON, Alain. **Ensaio de amor**. Porto Alegre: L&PM.
- BRANDÃO, R. Silviano. **Literatura e Psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFGS. 1996.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus.
- KIRINUS, Gloria. **Criança e poesia na pedagogia Freinet**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MELLO, Ana Maria L. De. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, v. 11. (Coleção Memória da Letras)
- PAIVA, Rita. Gaston Bachelard. **A imaginação na ciência, na poética e na sociologia**. FAPESP/Annablume, 2005.
- PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos de chão – A natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. Trad. Carlos A. R. De Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

RAMOS, Ana M. **A literatura para a infância e a construção da memória**. Disponível em: <[magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_am\\_rom25a\\_a.pdf](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_am_rom25a_a.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

RAMOS, Ana Cláudia. **Nos bastidores do imaginário – Criação e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2006.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2001.

SPINK, Mary Jane Paris (org.). **A psicologia em diálogo com o SUS**. São Paulo: Casa do psicólogo.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.